



PEREIRA.

PEDROZO.

RETRATO DE RUBENS.

O PINTOR RUBENS.

Historia do 17.º seculo.

I.

CAHIA a neve com tanta abundancia que nas ruas de Antuerpia, quasi sempre solitarias depois das nove horas da noite, nem rumor de passos, nem rodar de seges se ouvia que incommodasse os ouvidos da familia de Rubens, reunida ao pé do fogão para celebrar a vespera do Natal. O mau tempo privava os filhos da casa de muita parte dos folguedos que com a festa esperavam, porque sua mãe, Helena Froment, tinha decidido que não iriam á sé ouvir a missa do gallo: aos mais novos custou esta resolução algumas lagrimas, porem como em tenras idades se desvanecem logo as impressões penosas, para disfarçar a magoa entretiveram-se em levantar um *magnifico castello de cartas*. Construido pelas mãos infantis crescia o fragil edificio a maravilhosa altura; e o pequenino Pedro Paulo Rubens com olho vivo e semi-aberta a boca engraçada, enlevado acompanhava com a vista sollicita a mão de sua irmã, Constancia Albertina, que de mansinho ia sobrepondo outras cartas ás que tão felizmente tinha collocado. No entanto, Isabel, pouco mais velha, enfeitava a sua boneca com os vestidos de gala; e Clara Eugenia, que já tinha dezeseite annos, acabava de bordar uma coberta para a meza onde seu pai escrevia; o subtil lavor da agulha ia desenhando a cifra dos nomes entrelaçados de Rubens e de Helena Froment com delicado fio de ouro em campo azul-celeste. — Um candieiro de prata e algumas velas de cera amarella alumiam o aposento; a familia sentava-se ao redor d'uma grande meza, a cuja cabeceira estava Helena, proximo ao fogão e n'uma cadeira de braços, que parecia um throno domesti-

co; e com effeito era ella a rainha de toda aquella familia submissa e affavel, e de muitos servos que de instante a instante vinham com modos respeitosos pedir e receber ordens. Todavia no rosto, de ordinario tranquillo, divisavam-se-lhe claros signaes de desasocego d'espírito, e a miudo consultava o relógio, que trazia pendente da cinta, e que fóra dada da fallecida archiduqueza Isabel, regente dos Paizes-Baixos. Quando eram dez horas, não pôde Helena reprimir o seu cuidado, e tomando d'entre um molho de chaves um assobio d'ouro, que nesses tempos em vez de campainha servia para chamar os criados, apitou duas ou tres vezes. Acudiu ao reclamo a criada mais auctorizada, Petronilha; e o mesmo foi apparecer que perguntar-lhe sua ama: — Já veio o meu filho mais velho, Francisco? — Petronilha tinha o habito de dissimular e atenuar quanto podia as leves faltas em que incorriam, posto que raras vezes, os meninos da casa, a quem tinha creado e amava como se fosse sua mãe: porem nesta occasião tomada de subito, pela evidencia do delicto e pelo modo severo d'Helena, mal pôde balbuciar uma resposta inintelligivel, mas quasi equivalente a uma negativa.

— «Quando vier, seja que hora for, dir-lhe-heis que o quero ver e que preciso fallar-lhe. Não é esta a primeira vez que se recolhe depois da hora que lhe prescrevi, e que deixa de assistir aos nossos regozijos domesticos: um mancebo de dezoito annos não ha-de isentar-se assim dos deveres familiares; a sociedade que mais lhe convem, é a de sua mãe, irmãs e irmão. . . .» — «Não basta (continuou lá para consigo Helena) que seu pai envolvido no tumulto das artes, dos negocios e dos divertimentos, disponha de tão poucos momentos para me acompanhar! Ao menos quero que meu filho aqui esteja, para me aliviar d'enfados na ausencia de Rubens. . .

Mas, se me não engano, ahí chega meu marido... não ha duvida... é elle... — E na rua se ouvia a bulha das rodas e cavallos: parou a carruagem, abriu-se a porta: Helena que pensava que seu marido se lembrára da função caseira e que por isso talvez deixaria de ceiar com o governador, foi-lhe sair ao encontro, transparecendo-lhe no rosto a alegria; mas que admiração foi a sua, quando, indo já ao meio da sala, as duas meias-portas se abriram, e viu entrar uma senhora, que teria uns setenta annos e caminhava encostada a uma creatura mesquinha, apoucada e da estatura d'uma creança de seis para sete annos, e logo atraz duas raparigas vestidas de preto!

— «Desculpareis, senhora, esta visita a hora tão impropria [disse a incognita com metal de voz e accento estrangeiro]: mas tenho de fallar hoje sem falta ao Sr. Rubens; e por isso insisti para entrar, ainda que o não achei em casa.» —

O ingresso d'uma estrangeira, a similitudes horas e quando a familia estava junta para festejar o Natal, desagradou, como é de crer, á mulher de Rubens: disfarçou porem o seu desgosto, e tratou com a maior urbanidade a desconhecida que parecia muito incommodada com o frio e cansaço, mas que todavia recebeu a attenção e desvellos d'Helena com indifferença tal que dava mostras d'altivez, apossando-se da cadeira de braços sem que lh'a offerecessem. É de saber que no seculo decimo septimo, este assento e o lugar á esquerda do fogão eram privativos da dona da casa, que rariissimas vezes o cedia, quando o acaso lhe deparava alguma visita de pessoa mui distincta.

A estrangeira chamou para si o anão com quem viera, e deu ordem em italiano ás duas raparigas de procurarem Petronilha que lhes abrisse a porta. Atiçando depois o brazeiro, como quem se regozijava com o calor, disse para o anão: — «Muito consola o aquecermo-nos ao fogão, depois de tres dias passados no mar e um de jornada em caleça... Não é assim, Langely?... Mas, pobresito! tens as mãos roxas e inchadas com frio; tu padeces... falla... o que tens?...» — O anão a este tempo não era senhor da cabeça, ia desfalecendo. — «Jesus! que desmaiou! (gritou sua ama) Agua fria, senhora, acudam com agua fria... chame por gente... abram as janellas... Mas louvado Deus, que já vai abrindo os olhos... Langely, o que tens, Langely?...» O anão apontou para o estomago. — «Tenho fome» — «Tens fome?... Senhora, bem ouve... mande-lhe ministrar algum alimento leve. Depressa... bem vê que o teremos outra vez com o deliquio...» —

Habituada aos respeitos e contemplações de todas as pessoas com quem vivia, Helena se escandalisava da liberdade e desembaraço com que a estrangeira a tratava e mandava n'uma casa alheia, onde se mettêra, sem ao menos dizer quem era. Comtudo nos gestos, olhar e falla daquella senhora havia um certo não sei que, uma especie de auctoridade que subjugava Helena mau grado seu: mandou emfim que trouxessem quanto a desconhecida pedia. O anão comeu desdenhosamente d'alguns doces que lhe apresentaram, e a final adormeceu. Então Constancia e seu irmão pequenino, Pedro Paulo, concluíram a fabrica do seu castello de cartas caladamente, porque á menor exclamação de sobresalto ou explosão d'alegria a dama com um volver d'olhos ou um gesto lhes impunha silencio.

Deste modo se passou o serão, apurando-se a paciencia de Helena, que alem de constrangida na presença da estrangeira estava irritada pela ausen-

cia do filho e do esposo, que a taes horas ainda não appareciam. Deu emfim meia-noite; e a dona da casa, rodeada dos filhos, se poz então a ler por um livro de orações os versiculos do Evangelho que relatam o nascimento de Christo no presepio de Bellem (1). Durante a reza, entrou furtivamente Francisco, o primogenito, e ajoelhou atraz de suas irmãs. Finda a leitura tomou Helena uma salva de prata com bolos dourados, que tinham no meio cada um uma imagensinha do Menino Jesus de barro, e os foi distribuindo pelos filhos: o anão que deu fé da golosina estendeu a mão para entrar na partilha, ajudado pela idosa senhora italiana. Helena teve que ceder ao indiscreto peditorio, que não respeitava as usanças e mysterios domesticos, porem no rosto se lhe divisava manifesto descontentamento, e voltando-se para o filho mais velho lhe disse com tom de voz austero — «Deus trouxe a nossa casa de proposito um estrangeiro para receber o teu quinhão do bolo do Natal; porque não és digno d'elle, já que preferes o ir sentar-te á meza alheia a vir esperar em companhia de tua mãe e irmãs a hora do anniversario do nascimento de Christo. Retira-te ao quarto, e serás o unico de meus filhos que hoje, antes de adormecer, não receba o osculo materno.» — Com tal ameaça não pôde Francisco reprezar as lagrimas. — «Perdoe-me, minha mãe! (bradou allicto) Revogue um castigo demasiado severo: confesso que fui culpado, mas digne-se de proferir uma só palavra de perdão, e não comece para mim a festa do Natal com tamanha pena.» — Helena voltou a cara para a banda e não respondeu. — «Minha mãe, queira perdoar-me...» — tornou o mancebo ajoelhando. — A mãe deu um passo atraz — «Mãe! Mãe! perdoe a Francisco! exclamaram á uma todos os meninos, á roda de Helena, intercedendo pelo irmão. — A mãe fez um signal imperioso, ao qual todos os filhos ficaram em respeitoso e tristonho silencio.

A estrangeira, compadecida da sincera dor de Francisco, debulhado em lagrimas, — «Mancebo, disse-lhe, não vos affijais; vossa mãe vos perdoará, que eu vou pedir-lh'o.» — «Senhora, replicou Helena, se me pedirdes similhante cousa, ver-me-hei na precisão de vo-la negar. Quando tomo qualquer resolução a respeito de qualquer dos meus filhos é depois de a ter maduramente meditado, e com firme tenção de perseverar nella.» — «Pois podereis resistir ao arrependimento de vosso filho que chora, e vos supplica perdão?» — Commetteu um erro, é forçoso que o expie.» — «Ah! que eu tenho tambem um filho, mas um filho que me repassa o coração de quanta amargura pôde derramar-se pela vida d'uma mãe; expelliu-me de ao pé de si, consente que eu môrra em desterro, recusa ler as cartas que no auge da desesperação lhe escrevo!! Bem criminoso é elle! Mas se me abrisse os braços, se me dissesse: Vem, minha mãe!... de tudo me esqueceria, tudo lhe perdoaria, e seria tão feliz quanto é possivel sê-lo!... Perdoai pois ao vosso filho, que vos supplica perdão...» —

A este tempo entra Rubens na sala; e assim que vê a estrangeira, corre para ella, descobre-se, dobra o joelho e exclama admirado... — «Vossa Magestade em minha casa!...» —

— «Sim, meu caro Rubens... Maria de Médicis, rainha de França e de Navarra, viuva de Henrique 4.^o, mãe de Luiz 13.^o, e sogra de tres reis, vem á vossa casa... e vem a supplicar...» —

— «Digne-se V. M. fallar. Os meus bens e vida estão aos vossos pés.» —

— «Para principiar (disse ella dirigindo-se com o

(1) Evangelho seg. S. Luc. cap. 2.^o

riso na boca a Helena, que estava pasmada e confusa) pedirei á senhora queira perdoar a este mancebo, e rogo lhe que o abraçe na minha presença. Era durissimo que pagasse um erro leve com a magoa de se deitar sem o osculo materno.» —

Francisco lançou-se nos braços de sua mãe, que o estreitou d'encontro ao peito com ternura.

— «Depois (continuou a rainha) pedir-vos-hei para mim, para o meu anão (2), Langely, e para as duas unicas criadas que em meu serviço ficaram, asylo e pão por alguns dias.» —

— «De tudo quando possuo póde V. M. dispor.»

— «Preciso tambem de vós, meu Rubens, para outros serviços ainda maiores. Oxalá que Deus permitta que vinguem os designios que medito: e a nossa galeria de Luxembourg por certo que não ficará incompleta! Mas a noite vai muito adiantada, e uma pobre peregrina como eu carece de algum descanso. Boas noites: até pela manhã.» —

Sabiu Maria de Medicis, precedida por Helena, que a conduziu para o seu próprio quarto, e voltou para onde ficára Rubens; e depois de accommodarem seus filhos, embevecidos em verem debaixo das suas telhas uma rainha, ambos se retiraram para outra camara, considerando na singular aventura, que tinha confiado á sua hospitalidade a viuva de Henrique 4.^o

II

Helena scismava com o modo com que na vespera recebêra a inesperada visita da rainha de França; e por isso deliberou reparar a sua ignorancia com estrondosa hospitalidade; de forma tal que toda a casa andou revolta debaixo da direcção de Petronilha, que era o ajudante de campo que recebia e transmittia as ordens de Helena. Porém Maria de Medicis assentou de pôr termo a tamanho fervor. — «Eu não passo (disse á dona da casa) d'uma pobre desterrada: de ha muito que me acostumei a privações: todo o meu fausto agora, e os meus maiores desejos limitam-se a dormir em boa cama, como me aconteceu esta noite, e a ver-me no meio de amigos, sem receios de ferro ou veneno. Achei isto na vossa morada; e Deus vos dará a paga. Portanto, se me quereis obsequiar, não façais honrarias ou outras cousas, que manifestem a minha estada aqui; se viesse a ser divulgada, os espias do cardeal de Richelieu não cessariam de vigiar-me e talvez de armar-me funestas ciladas. Dai-me tão somente um logar á vossa meza e um quarto na vossa casa: e ninguém saiba o meu nome, menos vós e a vossa familia.»

Em quanto Maria de Medicis fallava, a estava contemplando Helena sem poder esquivar-se ao sentimento de profunda dor, que lhe inspiravam os estragos, que a idade e a desgraça tinham feito no rosto daquella senhora. A rainha de França teria sessenta e oito annos, mas as rugas da cara, os cabellos de todo brancos, e uma singular amarellidão que contrastava com o olhar afogueado dando-lhe á physionomia certo toque de sinistra expressão, tudo concorria para a inculcar por mais velha. Supportava porém os infortunios com gravidade; e quem a via esquecendo-se dos erros, que tivesse commettido, somente se lembrava da elevada jerarchia de que havia decahido e da indigna miseria em que ia consumindo a vida.

Veio Rubens neste intervallo e não pôde suster as lagrimas, quando Maria de Medicis, tomando-lhe affavelmente uma das mãos, lhe disse:

— «Não te affasta de mim a minha desgraça, Rubens?» —

(2) E' sabido o costume nas côrtes antigas dos monarchas de sustentarem anões, bobos e outras semelhantes figuras.

— «Nunca fui vil, nem ingrato, senhora» — respondeu o pintor.

— «Por eu bem o conhecer, vim requerer os teus serviços. Attende-me, Rubens: meu filho, elrei de França, ainda me ama... Mas o cardeal de Richelieu que se receia da influencia desse amor, que se renovaria se, por uma hora só, eu visse meu filho, faz quanto pode por me conservar em desterro e longe da França e da côrte. Bastantes vezes tenho escripto ao rei; mas nunca as minhas cartas lhe chegam á mão; Richelieu as intercepta sempre. Luiz está por isso capacitado que sua mãe, toda entregue ao ressentimento, nem tem saudades do filho, nem ternura para com elle porque se esquecêra dos deveres filiaes: ignora as minhas lagrimas, desconhece a minha pobreza... Talvez creia que ainda vivo pacifica na côrte de meu genro, Carlos 1.^o d'Inglaterra, cuja corôa e vida (o que bem me assusta) com a revolução popular imminente perigo correm... Não sabe que me vi precisada a fugir daquelle paiz, deixando lá os mesquinhos restos de meus havêres; não sabe que se não fosseis vós não teria sua mãe abrigo onde reclinasse a cabeça. Attende-me, meu leal Rubens: é indispensavel que elle saiba tudo isto, e por boca leal e animosa, por um homem que nada tema e nada queira do cardeal de Richelieu. Acobertado com a fama e esplendor do teu nome, e talento, só tu podes commetter esta empreza: o cardeal não ousará contrariar uma só palavra que te saia dos labios; e o respeito e confiança que inspira o teu character abrirá os olhos ao rei e impossibilitará o meu inimigo. Aqui tens uma carta para meu filho... encarrega-te della, Rubens... Deus te guie e te proteja!» —

— Os menores desejos de V. M. são ordens para mim. Partirei á manhã para Paris e entregarei a carta a Luiz 13.^o» — (3).

— E confio que do negocio sahireis bem, Rubens! E Maria de Medicis voltará á França! Então a luta começará, luta de morte entre o cardeal e eu. Desgraçado d'elle, porque eu suffocarei o despota que só sabe deitar abaixo cabeças e desterrar mães! Recobrarei o imperio que tinha sobre Luiz e tornarei ainda a ser rainha de França! Uma voz intima me está dizendo que ainda me esperam dias gloriosos; que me tornarei a ver cercada pela nobreza e por quantos artistas celebres ha naquelle reino. Muito esplendida era a minha côrte! Não é assim?... Quando, regente do reino, com um simples aceno dirigia os trabalhos de Philippe de Champagne, do architecto De Brosse, e os vossos, Rubens... quando por meu mandado se levantava o paço de Luxembourg... Quotidianamente aformoseava a cidade de Paris com obras novas: *le Cours-la-Reine*, passeio magnífico, o aqueducto d'Arcueil, o mosteiro dos carmelitas, o recolhimento das religiosas do Calvario, são edificios que eu mandei fazer... e era nada para o que intentava... Mas hei-de realisar as minhas ideas,

(3) Não foi só pelo talento superior na pintura que Rubens mereceu a estimação dos soberanos da Europa. Sendo dotado de perspicacia e de solida rasão, a practica do mundo e a residencia em varias côrtes lhe deram vastos conhecimentos da politica e interesses dos principes. A infante Isabel, em algumas conversações que com elle teve acerca do estado dos Paizes-Baixos, conheceu que era homem mui apto para o intento em que esta princeza estava de communicar ao rei d'Espanha a situação do governo de Brabante naquelles tempos. O monarcha hespanhol por conselho do conde-duque, que lhe inculcou a capacidade de Rubens para ir propor á elrei d'Inglaterra condições de paz, encarregou o illustre pintor de tão delicada commissão. E' sabido que a rainha Maria de Médicis, que se tinha retirado para Bruxellas, tambem o encarregou de negociações junto á côrte de França. — *Decamps. Vidas dos pintores flamengos &c. Tom. 1.^o*

Rubens: tenho grandes e formosas paginas para juntar áquellas em que já desenhaste com mão de mestre a minha historia. Queira meu filho ver-me, e Maria de Medicis virá a ser a grande rainha de uma nação grande. — (4).

— Cumpram-se os desejos de V. M. — foi a resposta de Rubens. —

— «Ide; e Deus vá na vossa companhia. Aqui ficarei esperando, e com bastante impaciencia, pelo vosso regresso e pelas novidades prosperas que me trouxerdes. Vossos filhos e esposa me suavisarão as angustias que soffrerei neste intervallo... Mas que é isto... tropel d'um cavallo que entra no pateo a galope... Vejâmos por esta janella... Conheço a libré do governador dos Paizes-Baixos... Recado de seu amo me traz por certo este correio.» — Com effeito o mensageiro apeou-se, e trazia uma carta que dizia assim:

Senhora: Participâmos a V. M. que não pôde offerecer-lhe conveniente asylo esta cidade de Antuerpia, e que lhe seria mais vantajoso residir em Colonia. Rogâmos a Deos que tenha na sua sancta guarda a pessoa de V. M. = O governador dos Paizes-Baixos = D. Francisco de Mello.

— «Infame! [exclamou Médicis] que assim curvas a cabeça ao abominavel Richelieu. Não distará a hora das represalias... Oh! que não me esquecerá este derradeiro insulto!.. Vêdes, Rubens, só em vossa pessoa está posta toda a minha esperanza. Apressai a partida; e instai pelo bom successo dos nossos projectos; a rainha de França te confessa com as faces rubras de vergonha que, se passar um mez, vendido o seu ultimo diamante se verá na precisão, ou de mendigar esmola ou de morrer de fome.» —

— «Já que designam para residencia de V. M. a cidade de Colonia; peço-lhe que prefira para morada a casa que na mesma cidade possui: meu filho Francisco, que aqui está, acompanhará ámanhã V. M. e lhe dará posse daquella humilde pousada.» —

— «Acceito. Vamos, [disse a rainha para Francisco] vamos, meu gentil companheiro: aqui estais feito cavalleiro d'uma rainha velha e desamparada. Forçoso é que deixeis temporariamente os olhos azues e louros cabellos que vos fazem esquecido do bolo do Natal, e vos rendem as admoestações de vossa mãe. Não córeis: quero, durante a viagem, ser vossa confidente; por tenue e quasi nullo que seja hoje o meu poder, talvez que assim mesmo seja sufficiente para dispor propicias aos vossos amores as pessoas a quem não ousais patentear uma paixão, que logo no primeiro relance d'olhos adivinhei. Porventura sou eu mulher velha, que nem ao menos para isso presete? —»

Dahi a poucas horas, duas carruagens partiam da casa de Rubens: — uma levava para Colonia Maria de Médicis, Langely, as duas açasafatas, e Francisco Rubens, a quem o pai entregára uma quantia sufficiente para occorrer ás precisões da casa da rainha naquella cidade: — outra conduzia Rubens para a capital da França.

(Continúa.)

DESTRUIÇÃO DE MONUMENTOS ANTIGOS.

Não para que nos sirva de desculpa, mas para que

(4) São bem conhecidos em França os quadros, que Rubens fez para o castello de Luxembourg, o cuja serie forma a historia de Maria de Médicis. Estão hoje no Louvre e são ao todo vinte e quatro.

em certo modo nos possa ser de alguma consolação, que sempre o é ter companheiros nos erros e nas desgraças; extrahimos do *Siccle*, [jornal francez] de 21 de Março deste anno o seguinte artigo.

«Que dirieis vós d'um homem, que trocasse antigos trastes torneados de pau preto por trastes novos de cajú grudados; velhos pannos de raz pelo ourapel de papeis pintados; antigas porcellanas de Sevres com algumas falhas por louça de pó de pedra nova e em bom estado? dirieis sem duvida que este homem era tolo, e vergonhoso ludibrio do seu amor da novidade. — Pois isso que o homem mais ignorante certamente não faria, acaba de fazer a cidade de París depois de longas reflexões em campo aberto, em presença de todo o mundo, e debaixo dos olhos de M. Victor Hugo, que viu a cousa de suas janelas, que clamou contra ella, mas sem conseguir que o escutassem. Tiraram a grade velha que cercava a Praça Real, e pozeram em seu logar uma grade nova. A grade velha era d'um trabalho exquisito; era uma renda de ferro, maravilhosamente fabricada, e que condizia perfeitamente com as antigas arcadas da Praça, e com suas casas d'uma physionomia tão original. — A grade nova é toda lisa, do mais moderno e mais vulgar aspecto, semelhante ás grades que fecham todas as vendas dos carnicceiros. — Mas a grade velha era de ferro massiço, e a nova é de ferro óco. — Entendeis a especulação? vender-se-ha a grade antiga a qualquer ferro-velho, e será sensivel o lucro para a cidade de París.

Nós temos por tanto conservadores dos monumentos historicos, que conservam o seu emprego. Estes senhores vão todos os verões inspecionar as pedras velhas, que ha por essas provincias; fazem na boa estação uma viagem para conservação da saude; e o orçamento paga as despesas da jornada. — Os ministros, que teem grande cuidado das artes e das antiguidades, dão todos os dias aos protegidos dos seus amigos commissões para irem explorar as ruinas de todos os paizes do globo, e compram por bom dinheiro os fragmentos, de que aquelles entulham nossos museus: mas todos estes antiquarios, e todos estes artistas, estes ministros, e estes conservadores deixam praticar no centro de París actos d'um vandalismo escandaloso. — Deixaram mutilar e deshonnar um dos nossos mais curiosos monumentos; deixaram arrancar e vender esta antiga grade, que era uma obra prima. Quanto á grade nova, ella produz na Praça Real o mesmo effeito, que faria um casaquinho verde e umas pantalonas de nankin vestindo a estatua equestre de Luiz 13.^o»

J. H. da C. R.

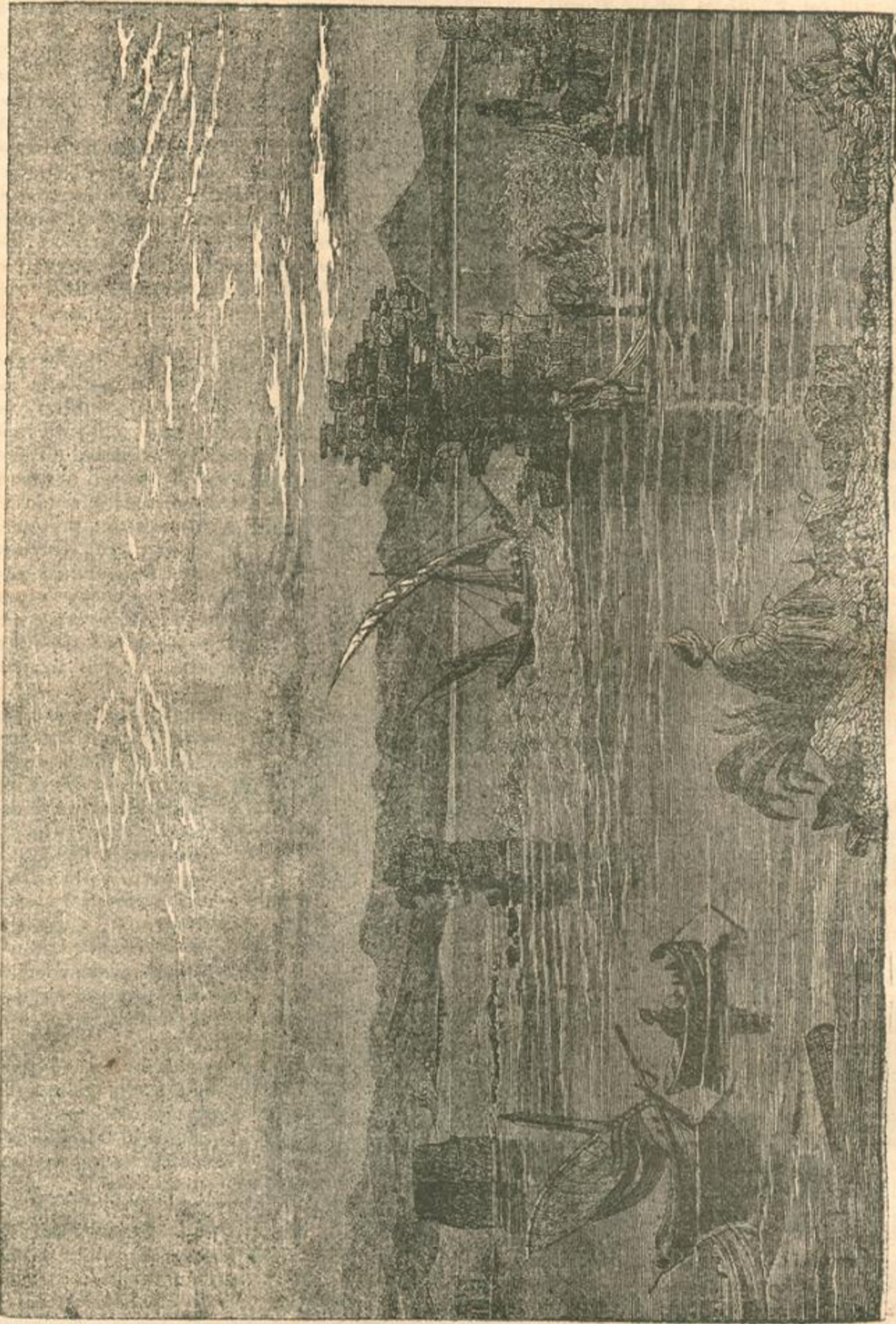
TENDO noticia o Sr. D. João 4.^o de que certo ministro trazia um pertendente provinciano arrastado fóra de sua casa na diligencia d'um despacho, chamou o pertendente, e informando-o do dispendio que lhe causava a espera, mandou-lhe consignar um cruzado por dia no ordenado que o tal ministro recebia pela folha da alfandega: este assim que o soube despachou logo o feito.

DIZIA D. João de Menezes que as cousas em que um homem tinha menos paciencia eram, servir e não agradar; pedir e não lhe darem; dar e não lhe agradecerem; esperar e não conseguir.

CONQUISTADO o reino de Napoles por elrei D. Fernando, diziam com graça os soldados hespanhoes

que tinham conquistado um reino em quarenta dias da mesma sorte que se ganha o reino do céu, jejuando a pão e agua e não furtando nada a ninguem.

Alludiam a não lhes darem senão razão de biscoute e prohibirem-lhes o saque da cidade.



RUINAS DE TYRO.

TANTO a historia sagrada, como a prophana, com enthusiasmo nos pintam as grandezas de Tyro, a rainha dos mares campeando na costa da Phenicia a pouca distancia da antiga Sydon. Mas em que epocha foi Tyro fundada?... Porventura diremos com Quinto Curcio que Sydon e Tyro tiveram origem eomum; ou adoptaremos a opinião de Justino que attribue aos Sydonios a fundação da segunda cidade?... Esta ultima hypothese parece a mais exacta,

e concorda com a Biblia, onde se lê positivamente: *finitimi tui, qui te edificaverunt &c.*, os teus vizinhos, que te edificaram &c. (*) Pondo de parte disquisições d'antiquarios, lembraremos que alguns conciliaram as opiniões encontradas, reconhecendo a existencia de duas cidades com o mesmo nome: uma antiga, chamada Palæ-Tyros: outra mais moderna, appellidada somente Sur, ou Tyro: a primeira, edi-

(*) Ezech. cap. 27 v. 4

ficada no continente, onde era o templo d'Hercules, de que falla o pai dos historiadores gregos, Herodoto: a segunda jazia n'uma ilha proxima, e foi a que Alexandre Magno conquistou fabricando para esse effeito um caminho ou calçada da terra-firme para a ilha.

A immensa prosperidade da Tyro antiga excitou a inveja dos assyrios e chaldéus; Salmanazar debalde a guerreou, porem Nabucodonosor, depois d'um sitio de treze annos a tomou e arrazou pelos alicerces, expulsando os habitantes. Nas prophcias d'Ezechiel lemos predita esta ruina de Tyro: no cap. 27 vem um quadro, mui interessante para a historia, da opulencia e vastidão do commercio de Tyro; enumera o inspirado poeta hebrêu os differentes povos que concorriam a este emporio maritimo e os generos ou fazendas proprias que cada um delles trazia. A citação que fizemos nos dispensa de transcrever esta descripção, que os curiosos, que não souberem latim para a lerem na Vulgata, acharão na elegante traducção do P.^e Pereira.

Os tyrios apenas possuíam uma acanhada lingua de terra no continente, e todavia fundaram Carthago, Utica, e Cadix: rasão teriamos para admirar o grande poderio a que chegaram, se não vissemos na moderna historia os hollandezes, habitantes d'um paiz alagadiço, em parte usurpado ao mar, dilatarem tanto o seu dominio e commercio; se não tivessemos os exemplos de Veneza, de Genova, e outros. — Depois da victoria de Nabucodonosor, os tyrios dispersos refugiaram-se na ilha proxima e levantaram a nova Tyro, que em magnificencia e esplendor levou a palma á cidade antiga, até depois dos estragos que os macedonios lhe fizeram. Os habitantes primitivos adoravam Baal e Hercules; mas o christianismo logo nos primeiros tempos da sua pregação se introduziu em Tyro, onde taes e tamanhos progressos fez que muitos cidadãos padeceram o martyrio por não renegarem da fé de Christo, durante as cruas perseguições dos imperadores romanos. Na epocha das crusadas, foi Tyro (em poder então dos infieis) duas vezes cercada pelos christãos: a primeira tentativa sahiu baldada; mas á segunda foi rendida em 1124 depois de porfioso e arduo sitio que durou quatro mezes e meio. Era formidavel, por mui forte, a situação da cidade, rodeada de penedias e escolhos á flor d'agua, guarnecida de tres ordens de muralhas, defendida do lado da terra por duas torres elevadas e um fosso largo e fundo: mas os cruzados a levaram d'assalto, mettendo á espada as tropas egypcias e do soldão de Damasco. Dahi a pouco menos de dois seculos em 1294, havendo os turcos tomado S. João d'Acre, onde commetteram inauditas crueldades, atemorizado o povo christão de Tyro recolheu-se aos seus navios, e dando á vela abandonou a cidade: os sarracenos a entraram sem resistencia, a saquearam e demoliram, não deixando pedra sobre pedra.

Ao presente está por tal forma entulhado d'arcia o porto de Tyro que os rapazes o atravessam com agua por meio da perna. Subsistem ainda as duas torres, que defendiam a entrada, e dellas parte o lanço de muralha que punha a coberto a cidade dos ataques inimigos; descobrem-se ainda pela praia alicerces antigos. A população da mesquinha aldêa que alli existe andarâ por umas sessenta familias pobres, que habitam pardieiros meio-derrocados: veem-se ainda os restos d'uma igreja christã e duas formosas columnas de granito, que os turcos tem querido levar para a mesquita d'Acre, mas que por causa do peso enorme ainda não poderam mover do pouzo que occupam. Eis o que ainda permanece para

mostrar ao viajante o assento da rica e soberba Tyro, cujo sceptro maritimo foi transferido para as mãos da sua filha, a não menos rica e commerciante Carthago, sumida hoje tambem nos abysmos do nada. Sobre esta ultima acharão os nossos leitores um artigo com estampa a pag. 378 do volume 3.^o do nosso Jornal.

ANECDOTAS RELATIVAS A' AMISADE.

Não ha nos dictionarios palavras mais suaves, mais communs, e de que tanto se abuse, como as de *amizade e patriotismo*. Estes dois sentimentos são innatos no coração do homem, e sem elles não existiria vinculo algum social. Desgraçadamente, porem, o egoismo que nos domina traz-nos sempre em hostilidade com aquellas duas virtudes, sem que ao menos a educação bem dirigida venha terminar, ou sequer, moderar a briga.

Vemos em todas as nações civilizadas abundancia d'escolas aonde se applica a mocidade ás artes e as sciencias; mas ainda nos não constou que houvesse cathecismo, nem aula expressamente fundada para ensinar-lhe a ser amigo sincero, e esforçado patriota. — Verdade é que a religião nos manda amar o proximo como a nós mesmos; e sendo n'isto em que consiste a verdadeira amisade, porque até a definição de amigo é a de *alter ego*, *outro eu*, comtudo não basta que os preceitos divinos se leam no cathecismo — é mister saber o modo de praticá-los, e as mutuas vantagens que disso resultarão aos individuos e á sociedade: — sem a intima convicção e certeza destas, facilmente aquelles ficarão esquecidos.

Algumas vezes, não muitas, temos visto recommendado o patriotismo em livros d'instrucção popular; mas não achámos em seguida a explicação do que seja essa virtude civil, nem a dos deveres a que nos liga: — prova evidente de que a palavra é de uso commum, mas a virtude raramente praticada.

Parece-nos, pelo que havemos observado e lido, que a falsa amisade voga entre os homens desde remota antiguidade; e muito corrobora esta opinião o proverbio dos auctores gregos, que dizia ser vulgar o nome, mas rara a fé de amigo.

Cicero dizia que assim como as andorinhas apparecem no verão, e se retiram no inverno, assim os falsos amigos nos procuram na fortuna, e nos abandonam na adversidade.

O verdadeiro amigo não é o que só cura saber de nós quando a abundancia e riqueza nos dá regalada mesa, e brilhantes equipagens. Menos, o que espreitando com ladina sagacidade o fraco das nossas paixões, busca, e ás vezes aleivosamente, lisongeá-las,

«Para proveito seu e alheio damno».

Nem, o que vendo-nos frequentemente na orla do precipicio della não procura desviar-nos, temendo que um alvitre prudente nos desagrade e lhe faça perder os interesses que deriva da nossa prodigalidade e insania. — Tão pouco é nosso amigo quem nunca nos descobre acções más, nem idéas tresloucadas e extravagantes, achando-nos, pelo contrario, sempre generosos, cavalheiros, e dotados de bom gosto, — nem o que desejando *aliviar-nos do insupportavel* peso do christianismo, para que estôrvo algum nos detenha na carreira dos prazeres, das paixões, e talvez dos crimes, nos appresenta como modelos de crença e de moral os d'Holbachs e Trenchards, acimando de antigualhas e abusões as doutrinas dos Lactancios e Bossuets.

O verdadeiro amigo é um thesouro, mas um thesouro que corre grande risco de perder-se. — Devemos reputar como tal o homem que nos der conselhos prudentes, e adaptados ao estado da vida social; — o que nos disser palavras, posto que severas, cheias de zêlo pelo nosso credito e bom nome; — o que longe de abandonar-nos na adversidade e tribulações da vida, busca então a nossa companhia, procurando, por meio de reflexões sensatas e philosophicas, minorar nossas penas, e adoçar, quanto seja possível, nossas angustias; — e, finalmente, o verdadeiro amigo será o que em todos os transe da vida, e em qualquer posição social a que nos leve a ventura ou a desgraça, buscar sempre incutir-nos sentimentos de honra, humanidade, e religião.

Não affirmaremos como um philosopho antigo que se não encontra um só amigo verdadeiro; mas o que podemos asseverar é que o achá-lo é empreza difficilima, e mórmente em seculos de transição e immoralidade!

De uma só nação nos falla a historia que tenha apreciado a amisade a ponto de dar-lhe culto religioso: — é a dos morlacos, que habitam as montanhas da Dalmacia. A amisade destes povos é eterna. Nada, senão uma impossibilidade absoluta e invencível, pôde impedir áquelles amigos o serem pontuaes e fieis ás suas promessas. Para mais firmar o vinculo da amisade é esta alli consagrada solememente no altar por um sacerdote, em presenca de todo o povo, com orações e benções de que faz menção o ritual esclavonio.

Este voto publico de amisade indissolvel é praticado por homens e mulheres; porem como o amor não podia entrar neste generoso contracto de amisade e fidelidade, é claro que só devia ter logar de homem para homem, e de mulher para mulher. Os amigos, desde o dia da solemne promessa tomam a denominação mutua de *pobratimos*, e as amigas a de *posestremes*.

Da amisade consagrada dos morlacos e outros povos da mesma origem parece haver-se originado uma sociedade na Italia, cujos membros se denominaram *irmãos ajuramentados*; porem entre estes e aquelles notava-se grande differença não só pela falta de ceremonias rituaes, como tambem em quanto ao objecto e fins da amisade contrahida. A união amigavel entre um morlaco e outro é individual, dirigindo-se só ao affecto, serviço, e vantagens reciprocas; ao passo que a da irmandade dos *ajuramentados* italianos comprehendia toda a sociedade, sendo ordinariamente os seus membros gente ociosa e partidaria.

Consistem os deveres dos *pobratimos* em se ajudarem mutuamente em caso de necessidade e perigo, com serviços pessoaes, dinheiro, e conselho: — e em defenderem o seu amigo, vingando-o de qualquer offensa. A tão subido ponto chega ás vezes o entusiasmo dos *pobratimos*, que para não deslizarem dos deveres da amisade, arriscam, e até perdem frequentemente a vida uns pelos outros — acções heroicas que devendo ser celebradas como as de Pylades, ficam sempre envoltas no pó do esquecimento, assim pela sua frequencia como por as praticar um povo desconhecido. — Seculos inteiros decorreram sem que se notasse uma só discordia entre dois *pobratimos*; occorrendo porem algumas no seculo passado, causou isso grande escandalo no paiz, e muita afflicção aos velhos morlacos. Attribuiu-se esta depravação á communicação de varios mancebos com os italianos por quem foram muitas vezes enganados, e a ponto tal que a má fé de um italiano ficou sendo proverbial entre os morlacos.

A historia nos transmite exemplos da mais pura

sympathia. Começaremos pelo rasgo classico da amizade de dois illustres syracusanos;

Damon e Pytias.

Pytias havendo sido injustamente condemnado á morte, obteve licença de ir a sua casa, que ficava proximo de Syracusa, para fazer algumas disposições antes de morrer; com a condição porem de que Damon lhe occuparia o logar como refens até a sua volta, devendo soffrer por elle a pena no caso de que faltasse o réu.

Damon entregou-se á prisão, não só resolvido a soffrer pelo seu amigo, mas até desejoso de que não voltasse a fim de morrer por elle. Algum obstaculo houve que deteve Pytias no caminho, e chegada a hora do supplicio subiu Damon ao cadafalso com animo sereno. Os espectadores murmuravam accusando Pytias de traidor e fementido, e compadecendo-se da nescia credulidade de Damon. De repente ouve-se uma voz que bradava fortemente = Detente e espera =: era Pytias que correndo sóbe ao patibulo e se lança nos braços de Damon. — Ambos pediam com preferencia a morte ao tyranno, querendo cada um delles salvar a vida ao outro. — Os espectadores se debulhavam em lagrymas; e o proprio tyranno Dyonisio commovendo-se á vista de scena tão pathetica, se approxima aos dois amigos; manda solta-los; e lhes roga que o admittam no seu gremio como terceiro amigo.

Alexandre e Hephестиão.

Alexandre que adquiriu muita gloria pelas victorias e conquistas, era presador e observante da sincera amisade. Hephестиão era seu companheiro inseparavel, amava-o cordealmente: — andavam ambos pela mesma idade; porem Hephестиão tinha figura mais elegante. Quando a atribulada Sisigambis, mãe de Dario, entrou na barraca imperial de Alexandre para render-lhe homenagem como prisioneira, lançou-se aos pés de Hephестиão, suppondo-o o imperador. — Sisigambis conhecendo o engano pela modesta retirada d'aquelle, hia declara-lo quando Alexandre lhe disse = Não vos enganastes, senhora, porque Hephестиão tambem é Alexandre = confirmando assim o *amicus est alter ego*: o amigo é outro eu.

Lysimacho.

O mesmo Alexandre tendo descoberto a traição de Calisthenes, o condemnou a prisão n'uma gaiola de ferro, devendo ser assim conduzido na retaguarda do exercito. Lysimaco, um dos generaes do monarcha macedonio e amigo fiel de Calisthenes, o visitava quotidianamente, sem lhe importar a staa ignominiosa condição. — O philosopho depois de agradecer-lhe tão arrojada e perigosa attenção, rogou-lhe não continuasse a procura-lo, porque incorreria no desgardo do imperador. «Deixai-me, disse, soffrer as minhas desgraças, e não queiraes barbaramente augmentá-las com a tua.

Lysimaco respondeu que embora se expozesse ao desfavor e vingança de Alexandre, nunca abandonaria o seu amigo — e o continuou a visitar como até alli.

A amisade entre soldados.

Durante o sitio de la Chapelle em 1650, soube um soldado hespanhol que o seu camarada, a quem terna e constantemente amára desde a sua mocidade, se achava estendido na trincheira atravessado com duas ballas. O estremoso soldado corre ao sitio, e vê morto o seu amigo. — Lança-se sobre o cadaver ensanguentado — limpa-lhe o pó do rosto — abraça-o por algum tempo; mas a final cedendo á vehemen-

cia da dôr, cahe tambem morto ao lado delle. Informado o archiduque de acontecimento tão singular como lastimoso, mandou que depositados os dois amigos no mesmo ataúde, fossem conduzidos pomposamente á igreja principal de Avesnes, e ali se lhes erigisse um mausoleu de marmore.

Testamento feito por amisade.

Eudamidas de Corintho vendo, nos derradeiros momentos da vida, que deixava na mais cruel indigencia sua mãe e uma filha que tinha, foi consolado pelo sentimento da verdadeira amisade. Julgando dos corações de Areto e Carixene, seus fieis amigos, pelo seu, fez o seguinte testamento digno de eterna recordação.

«Deixo a Areto o cuidado de sustentar e amparar minha mãe na sua velhice; e a Carixene o de casar minha filha com um homem de bem, dando-lhe o maior dote que poder. No caso de que algum destes dois amigos falleça antes de cumprir os meus legados, ficará supprindo o seu lugar o que lhe sobreviver.»

Os generosos cidadãos mostraram na pontualidade com que satisfizeram estes encargos, que eram dignos amigos do virtuoso Eudamidas.

Rasgo de amisade desinteressada.

M. Friend, primeiro medico da rainha d'Inglaterra, era membro do parlamento em 1722, no tempo em que o bispo Atterbury foi accusado do crime de lesa magestade, por conjuração a favor da restituição da dynastia dos Stuarts ao throno d'Inglaterra.

M. Friend defendeu o bispo na camara dos communs, e no calor do debate fez observações tão pungentes contra o gabinete que o primeiro ministro, Sir Robert Walpole, que era despota, accusando-o d'alta traição o remetteu preso para a torre de Londres. — Ao cabo de seis mezes, enfermado gravemente o inflexivel primeiro ministro mandou chamar M. Mead, o mais afamado e eminente medico da côrte, amigo íntimo de M. Friend. — Tendo M. Mead examinado com toda a attenção a doença do ministro, disse-lhe com tom resolutivo que respondia pela cura, mas que lhe não tomaria o pulso, nem applicaria remedio algum em quanto não restituísse a liberdade a M. Friend que della fôra tão injustamente privado: — e se retirou.

Sentindo Walpole augmentar-se-lhe a doença escreveu ao rei supplicando-lhe mandasse soltar M. Friend, e participou ao mesmo tempo a M. Mead o que fizera a favor do seu amigo. O medico lhe respondeu que tambem andava procurando o melhor meio de cura-lo, porem que só lh'o communicaria quando visse o preso na rua.

Vendo o ministro a firmeza do medico, e temendo algum mau resultado da molestia reiterou vivamente as suas supplicas ao monarcha, e immediatamente foi M. Friend posto em liberdade. — O doutor Mead começou logo a tractar de Walpole e conhecendo-lhe bem a constituição o curou perfeitamente.

Outra circumstancia occorreu que ainda acrisolou mais esta amisade. — M. Friend era igualmente medico de grande nomeada, e por isso visitava as familias mais opulentas da côrte: — durante a sua prisão tratou-lhe M. Mead dos doentes, recebendo pela importancia total das visitas cinquenta mil cruzados: — esta somma a entregou elle ao seu amigo um dia depois da soltura deste, sem que razões algumas fossem capazes de o dissuadir de tão generoso intento.

Causas da falsa amisade.

A maior parte dos homens só se mostra amiga de

alguem por interesse e em quanto a amisade lhe não dá sombras de prejuizo ou incommodo. — É quasi geral a crença entre elles de que os seus amigos teem por dever fazer quanto se lhe peça sem examinarem se é rasoavel ou não; conveniente ou inconveniente; justo ou injusto. Nasce d'aquí a falsa amisade, porque o egoismo suffoca todas as considerações. O typo da verdadeira amisade é consultar a razão, a conveniencia e a honra do amigo, com tanta ou maior attenção do que se fosse propria. — Publico Rutilio recusando um dia ceder ao que um amigo lhe pedia este lhe disse acaloradamente: — de que me serve a tua amisade se duvidas fazer-me um favor? E de que me aproveita a tua, replicou tranquillamente Rutilio, se exiges de mim actos contrarios á minha honra.

O FAMOSO POETA JORGE DE MONTEMÓR.

JORGE de Montemór foi um portuguez natural da antiga villa do seu sobrenome, situada a tres leguas de Coimbra nas margens do saudoso Mondego. Passou ao reino de Leão, e ignorámos a causa; mas sabemos que conseguiu em toda a Hespanha maiores estimações que outro algum dos grandes engenheiros do seu tempo; e neste e nos seguintes assegurou fama immortal de poeta tão discreto, como engenhoso. Amou [como Petrarca a Laura, e Camões a Natercia] a uma formosa e honesta donzella, e disfarçando-a com o nome de Diana lhe dirigiu as suas poesias e prosas, e debaixo do mesmo nome as imprimiu com tanta felicidade e tão universal applauso, que em sua vida viu dellas cinco impressões, cousa raras vezes vista em outros livros. Não havia praça, nem casa, nem conversação de nobres ou plebeus aonde não fosse lida e celebrada *La Diana de Montemayor*. — Consta de duas partes, e tem todas as que se podem desejar para uma obra discreta e divertida; nem deste genero sahiu até agora outra alguma que a exceda ou iguale. Feliz nas agudezas; ternissima na expressão dos affectos; elegante nas locuções, é esta obra uma perenne admiração para todos os que a sabem avaliar. Por ella adquiriu tão grande nome que não havia pessoa curiosa que não conhecesse, ou não procurasse conhecer o seu auctor. Achou-se na célebre merenda que a duqueza de Serra deu por aquelles tempos ás primeiras senhoras de Madrid, as quaes fizeram delicioso prato das suas discretas respostas, a que o provocavam com perguntas não menos discretas, dizendo-lhe a marquez de Comares: = Señor Montemayor si escrivistes cosas tan discretas tratando de pastores rusticos y de campos agrestes, que harieis si escriviesseis de aquelle jardin, fuentes e nynphas? = Ao que elle respondeu: = E isso, señora, mas es para la admiracion que para la pluma. = Perguntando-se ao outro dia á marquez de Guadalcassar, que foi uma das que assistiu á merenda, o que della lhe pareceu melhor, respondeu = que la conversacion de Montemayor. =

Andava reunindo materia para compor um poema do descubrimento da india oriental, quando lhe sobreveio a morte a 26 de Fevereiro de 1561. No anno de 1603 vindo de Leão Philippe 2.^o e a rainha sua mulher, e anoutecendo-lhe na villa de Valderas, soube que vivia alli a dama que fôra assumpto das poesias de Jorge de Montemór, e os reis a mandaram chamar por esta causa, e ainda que já era de 60 annos mostrava que havia sido muito formosa, e os reis lhe fizeram muitos favores, em memoria da estimação com que corriam por Hespanha as obras deste engenhoso portuguez. (*Ann. Hist.*)